



GT 05. Antropologia da Biomedicina

Coordenador(es):

Jaqueline Teresinha Ferreira (Instituto de Estudos em Saúde coletiva)

Ednalva Maciel Neves (PPGA/UFPB)

Sessão 1 - Biosaberes e biopolíticas

Debatedor/a: Débora Allebrandt (UFAL - Universidade Federal de Alagoas)

Sessão 2 - Adoecimentos, sistemas e cuidados em saúde

Debatedor/a: Cíntia Liara Engel (UnB)

Sessão 3 - Narrativas de parto, violência obstétrica e outras afetações

Debatedor/a: Jane Araújo Russo (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Este Grupo de Trabalho dá continuidade ao diálogo iniciado na III Reunião de Antropologia da Saúde, realizada em Natal/2019, desvelando uma experiência rica de pesquisadores brasileiros que apresentaram etnografias com temas instigantes calcadas em técnicas de pesquisa já consagradas e /ou inusitadas e questões reflexivas de pesquisa. Assim, a proposta é ampliar e aprofundar essa discussão a partir de trabalhos etnográficos sobre a medicina ocidental, a biomedicina, como campo de investigação, envolvendo a produção de conhecimento e tecnologias biomédicas, assim como seus efeitos na experiência coletiva e pessoal. Desta forma, o enfoque é sobre a complexa trama contemporânea do bio: mercados, tecnológicas, interpretações, apropriação de saberes e práticas, direitos e ativismos. Dentre as reflexões, pensamos em dialogar acerca: construção do saber profissional sobre o corpo, definições sobre saúde e doença, questões éticas relacionadas às biotecnologias, cuidado humanizado, comportamentos dos/das pacientes em relação à busca de diagnósticos (testes genéticos, diagnósticos por imagens) e tratamentos (tecnologias reprodutivas, cuidados paliativos) relação médico/a-paciente e diálogos com outras racionalidades terapêuticas. Igualmente contamos com os aspectos políticos, econômicos e éticos que podem animar esses debates.

Tornar-se médico obstetra, corpo e mulher: Fragmentos etnográficos sobre a formação em obstetrícia em Salvador ? Bahia

Autoria: Naiara Maria Santana dos Santos Neves (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Partindo de memórias de pele e de uma pesquisa etnográfica que combina observação participante, entrevistas e análises de produções científicas e pedagógicas e de ementas do curso de medicina, este artigo apresenta uma discussão antropológica sobre obstetrícia, corpo e gênero. É um exercício narrativo-etnográfico situado que caminha entre a antropologia da ciência e do corpo a partir de pressupostos da antropologia feminista, problematizando a dicotomia natureza-cultura, chacoalhando as percepções sobre ciência e corpo, se debruçando sobre co-construções de corporalidades na interação entre obstetra aprendiz e os corpos das mulheres. Memórias de pele dizem respeito à minha própria experiência de parto vivida na maternidade lócus da pesquisa, ponto de partida, ainda na graduação, para meu envolvimento acadêmico e político com o universo dos processos de parturição. Os dados e questões trazidas neste texto não serão desenvolvidos à exaustão, ainda, são parte da minha pesquisa doutoral e de uma busca por compreender como se constrói, a partir da perspectiva dos profissionais e estudantes de uma faculdade de medicina e maternidade-escola de Salvador ? Bahia, o habitus médico obstétrico durante a sua formação. Isto, considerando as práticas pedagógicas e de cuidado, rotinas, protocolos, usos das tecnologias e relações de



poder. E mapeando quais as noções sobre corpo e mulher compartilhadas e produzidas neste contexto. Alinhavado entre minhas memórias de pele, narrativas e insights de minhas interlocutoras e análises de materiais acadêmicos do campo da medicina e obstetrícia, este artigo trata de ?carne e alma? de médicas/os e mulheres, vida e morte, toques, manuais, tratados, ilustrações e manequins obstétricos, jalecos, ?médicos tradicionais e colegas marginais?, hierarquias, transformações de paradigmas médicos e de cuidado, e sistemas de diferenciação e normatização de sexo e gênero em relação na construção do habitus médico-obstétrico durante seu processo formativo. São frutos de idas e vindas, desde 2018, entre as instalações de uma renomada faculdade de medicina e uma maternidade-escola da Bahia, comitês de ética de pesquisa, atividades acadêmicas tais quais aulas e seminários, atividades políticas, livros, textos, módulos digitais, perfis e páginas nas redes sociais geridos por obstetras, ligas acadêmicas, empresas que comercializam produtos e serviços educacionais voltados para estudantes de medicina e para divulgação dos famosos memes. Além de outras interlocutoras, as reflexões são tecidas em colaboração com três estudantes e uma médica obstetra formada há algumas décadas na faculdade a qual a pesquisa é desenvolvida, que foram entrevistadas utilizando a ferramenta da entrevista semi-estruturada.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: